

WE ARE ALL A BIT CRAZY, AND POETS SOMETIMES- POETRY WORKSHOP

Andrezza Carvalho Ervedosa¹ e Maria Luzia Matos²

RESUMO

A reforma psiquiátrica está completando 30 anos. No Brasil, esse movimento propõe um novo modelo assistencial, pautado no conceito de clínica ampliada, no qual o sujeito em sofrimento mental, sua família, profissionais de diversas categorias e a comunidade, interagem num movimento dialógico construindo outro paradigma assistencial em saúde mental. Assim, estrutura-se uma rede de atenção, que inclui o CAPS - Centro de Atenção Psicossocial, lugar de cuidado, onde se oportuniza escuta e liberdade de expressão, favorecendo o crescimento pessoal, a autonomia e a construção de vínculos, promovendo a inserção social. Neste o sujeito considerado em sua totalidade, subjetiva e existencial, tem direitos humanos, individuais e civis respeitados. Assim, a oficina de poesia é uma atividade realizada no CAPS Renascer, na qual objetivamos criar um espaço de encontro entre os usuários, onde a cultura circule através de material poético, promovendo o acesso ao conhecimento, à troca de idéias e à produção cultural.

Palavras - Chave: saúde mental; cultura; poesia; inserção social; subjetividade.

ABSTRACT

The psychiatric reform is reaching the age of 30. In Brazil, the movement proposes a new assistance model, based on concept of amplified clinical, in which the subject in mental distress, his family, professionals of various categories and communities interact in a dialogical movement, building another paradigm of mental health. In this way the assistance is reorganized by a group of special attention that includes the Centro de Apoio Psicossocial – CAPS (Psychosocial Support Center); it is an area of care and shelter that allows the listening and freedom of speech, encouraging the personal growth, autonomy and building of links, promoting the social insertion. In the CAPS, the subject is considered in his totality as subjective as existential, and his human, civil and individual rights are respected. In the end the workshop of poetry an activity realized in the CAPS Renascer, in which we objective to promote an environment of meeting between the users in which the culture run through

¹ Psicóloga, Psicóloga - CAPS Renascer/SESPA. Especialista em Terapia Familiar. E-mail: andrezza1906@hotmail.com

² Assistente Social, especialista em Ensino Superior e Formação em Dinâmica de Grupos. E-mail: luziadematos@yahoo.com.br

poetical material, promoting the access to the knowledge, exchange of views and the culture production.

Key words: mental health, culture, poetry, social insertion, subjectivity.

APRESENTAÇÃO

O Movimento da Reforma Psiquiátrica que propõe a reorientação do modelo assistencial de saúde mental. Nos últimos 30 anos, observamos a substituição gradativa do modelo psiquiátrico de caráter hospitalocêntrico pelo tratamento em regime aberto, que busca garantir a pessoa com sofrimento mental o direito à cidadania, a interação social e a livre circulação nos espaços que a família e a comunidade convivem.

Ressalta-se que o fechamento dos manicômios e a desconstrução das práticas manicomiais não se fazem apenas derrubando as paredes destes e/ou transformando-os em outros serviços. A desconstrução se faz, principalmente quando repensamos a prática tanto multidisciplinares quanto multiinstitucionais reproduzidas nos espaços de atendimento (Basaglia, 1981) e não permitimos que pessoas com sofrimento mental sejam mantidas institucionalizadas numa relação de tutela e de dependência, seja ela medicamentosa ou emocional.

Esta lógica de intervenção profissional sugere ações de promoção da cidadania para as pessoas portadoras de sofrimento mental, demonstrando que é possível e necessária a articulação tratamento e debate político; o que se contrapõe ao conceito da “alienação que produz um lugar para o louco, excluindo do pacto social, o lugar do sujeito da desrazão ou da ausência de sujeito, sujeito delirante sem cidadania que deixa de ser um ator social para tornar-se objeto do alienismo” (TORRE; AMARANTE, 2001), isto é, desprovido de poder e destituído de direitos.

O direito à cidadania liberta o sujeito da tutela institucional, devolvendo a este o poder, posto que desconstrói o conceito de doente mental, de não sujeito para sujeito de direito, com diferenças individuais como todos os outros, com sua história, potencial, tristezas, sonhos e alegrias.

Basaglia (apud AMARANTE,1996) afirma que o melhor espaço para a reabilitação é a cidade. Neste sentido, cabe aos profissionais repensar suas práticas e possibilitar a desinstitucionalização dos sujeitos, através de uma atuação estratégica que favoreça a invenção da saúde e a reprodução social destes sujeitos, sempre considerando as determinações históricas, sociais e culturais que o influenciam.

Assim, além de partilhar do ideário da Reforma Psiquiátrica Brasileira, é necessário que nós, profissionais que trabalhamos com pessoas com sofrimento mental, estejamos atentos diuturnamente para que as nossas práticas profissionais não reproduzam os “antigos” valores institucionais, mas que estejam orientadas para a inclusão e participação deste cidadão na sociedade.

UM POUCO DE HISTÓRIA

O Movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil toma impulso no final da década de 70, depois do término da ditadura militar, com a formação do Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental (MTSM) que denuncia a assistência psiquiátrica nacional, centrada no modelo hospitalocêntrico, que se caracteriza por excluir as pessoas portadoras de sofrimento mental do convívio social, privando-as inclusive do contato familiar, sob o pretexto de tratá-las.

O contexto assistencial psiquiátrico dos anos 60, segundo Lobosques (2001) destacava-se por apresentar “uma enorme proliferação de hospitais privados conveniados com o poder público, de acordo com a política fortemente privatista que caracterizou o governo militar” (p.15). Isto deixa o Brasil numa posição diferenciada, posto que apresenta a existência de mais um entrave contra a reforma psiquiátrica brasileira, que é o embate constante com a “indústria da loucura”, isto é, com todos os segmentos empresariais que se beneficiavam deste tipo de política assistencial.

Assim, o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental vem questionar o saber psiquiátrico e exige transformações na assistência que vão além de medidas técnico-administrativas, começando a esboçar propostas de caráter teórico, político, social e cultural. Neste momento, a cidadania torna-se um ponto central nestas discussões, pois passa a ser pontuada a existência subjetiva e a necessidade de inscrição social do “louco” no mundo dos direitos civis.

Birmam (apud AMARANTE, 1996) diz “que essa maturidade teórica e política é consequência de um deslizamento, de maneira decisiva, do debate técnico e político sobre as distorções, os abusos e a violência presentes na assistência psiquiátrica brasileira, para nos indagarmos sobre um problema mais fundamental, pois perpassa como invariante o universo caótico dos cuidados: a condição da cidadania dos doentes mentais.”

Amarante (1996) coloca que “os projetos de reforma não podem ser tomados em conjunto, isto é, não são homogêneos, no sentido desta maturidade” e que “os conceitos e as práticas quanto à reforma psiquiátrica são muito diversos entre os atores que a exercitam” (p.14-15).

Uma parte do movimento da reforma psiquiátrica brasileira sofre grande influência das idéias do psiquiatra italiano Franco Basaglia, que tece críticas contundentes a origem do saber psiquiátrico, negando o conceito de doença mental enquanto construção teórica capaz de explicar única e exclusivamente o fenômeno da loucura. Desta forma, ele denuncia as relações de poder, controle e segregação social que o saber psiquiátrico produz, questionando inclusive a função e o papel social de seus técnicos, enquanto reprodutores desta lógica assistencial opressora, que enclausura as pessoas portadoras de sofrimento mental nos hospitais psiquiátricos, excluindo-as de seus meios de convivência, com o propósito de tratar.

Segundo Amarante (1996), “o manicômio é exatamente o espaço que a sociedade reserva para os loucos, e isso não quer dizer, em absoluto, que é ela que produz a doença. Mas

que esta não deseja, ou não sabe, conviver com eles”. (p. 73). Neste sentido, o movimento da reforma psiquiátrica possibilita que a sociedade repense a sua relação com o louco e a loucura, refletindo sobre o lugar social que historicamente estes vêm ocupando ao longo do tempo e propõe a transformação desta relação.

Basaglia (apud AMARANTE, 1996) questiona a postura da psiquiatria clássica por lidar com a loucura numa relação linear de causa-efeito, baseada no paradigma problema-solução e propõe a ampliação do olhar sobre o fenômeno da loucura, trazendo esta discussão para além do campo técnico-científico, mas sim político, social, ético e cultural, implicando a sociedade neste processo.

Através do princípio de “colocar a doença mental entre parênteses” Basaglia (apud AMARANTE, 1996) pontua que é o homem em sofrimento mental que deve ser o cerne da proposta terapêutica e não a sua doença; que é da sua subjetividade, singularidade e história de vida que devemos nos ocupar. Assim, questiona o direcionamento do olhar da psiquiatria para a doença, que com objetivo de estudar e tratar, confina a pessoa doente no hospital, afastando-a de tudo que lhe próprio, particular e pessoal, como suas relações familiares, estudo, trabalho e convívio social; se propondo a estudar o homem abstrato, totalmente descolado de sua realidade afetiva, social e cultural.

Basaglia (apud AMARANTE, 1996) propõe o processo da desinstitucionalização das práticas psiquiátricas de cunho hospitalocêntrico e das pessoas portadoras de sofrimento mental. Propõe também a desconstrução desta realidade estática, que trata as pessoas portadoras de sofrimento mental como objeto, despersonalizando-as, cerceando sua liberdade, castrando sua autonomia. Propõe ainda o estabelecimento de outro olhar, que se caracteriza pela complexidade, pela ética nas relações, pela reflexão-ação-transformação, numa busca constante por um saber-fazer que é plural e inacabado, uma tentativa constante de inventar

outra realidade que possibilite a emergência da subjetividade, singularidade e potencial de cada pessoa.

Segundo Amarante (1996), em muitos momentos o Movimento de Trabalhadores de Saúde Mental afasta-se das contribuições propiciadas por Basaglia, mas retorna com muito vigor, a partir dos últimos anos da década de 80.

É no final desta década que ocorre no Brasil o Movimento da Reforma Sanitária, que segundo Lobosques (2001) “conseguiu aprovar na Constituição Brasileira e legislações afins algumas diretrizes fundamentais” (p.16); dentre estas está a “saúde como direito do cidadão e dever do estado”, sua estreita relação com a qualidade de vida, que inclui trabalho, lazer, direito a moradia. Além disto, surge o Sistema Único de Saúde – SUS, garantindo acesso ao sistema de saúde a todos os cidadãos brasileiros, em condições de igualdade e em qualquer lugar que resida no país; temos também o controle social que garante e incentiva todos os cidadãos a participar ativamente das decisões políticas do país.

Neste momento, o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental novamente influenciado pelas idéias revolucionárias de Franco Basaglia, deixa de ser um movimento específico de trabalhadores de saúde mental e se torna um movimento social, que reivindica a desinstitucionalização, convocando a sociedade para esta luta, através da estratégia “por uma sociedade sem manicômios”.

Segundo Lobosques (2001), no início dos anos de 1990, este “movimento que já se intitulava como antimanicomial procede à sua organização, em nível nacional, como movimento social autônomo, independente de serviços, administrações ou partidos” (p.17). No mesmo período, outros movimentos como: os de usuários de saúde mental também começam a se organizar.

É fundamental ressaltar que a contribuição basagliana serviu de referência para os diversos processos de reforma psiquiátrica no mundo todo, e ainda hoje utilizamos seu

arcabouço teórico-político-ético-sócio-cultural para embasar e estruturar a prática dos nossos serviços de saúde mental.

Nesta perspectiva, após 12 anos de tramitação no congresso nacional, o Brasil aprova a lei 10.216 de 06 de abril de 2001, de autoria do deputado federal Paulo Delgado que “dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de sofrimento mental e redireciona o modelo assistencial de saúde mental no Brasil”. É fundamental mencionar o protagonismo de diversos seguimentos da sociedade brasileira, que engajados nesta luta, contribuíram e contribuem para a efetivação da reforma psiquiátrica brasileira; dentre estes devemos destacar: usuários, familiares, técnicos e ativistas de diversos movimentos sociais.

EIS QUE SURGEM OS CAPS

O CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) deve ser um espaço de cuidado e acolhimento, que possibilite a construção de vínculos e favoreça as trocas sociais. Neste, o sujeito deve ser prioridade, considerado em sua totalidade, subjetiva e existencial, com direitos humanos, individuais e civis respeitados. A este sujeito, deve-se oportunizar escuta atenta e liberdade para se expressar, garantindo vez e voz, facilitando a adesão ao tratamento, assim como o seu processo pessoal de crescimento, autonomia e cuidado.

Nestes serviços, o princípio ético deve pautar as relações, fundamentando todas as ações de cuidado. Cuidado este que deve ser resultado de acordo entre uma tríade que se pretende integrada, composta por: técnicos, usuários e familiares; sempre estar implicados e envolvidos no processo de tratamento.

Assim, no CAPS trabalha-se na perspectiva de que os sujeitos com sofrimento mental devem participar, decidindo e conduzindo sua trajetória, protagonizando escolhas e encaminhamentos, buscando empoderamento pessoal e reinserção social.

Vasconcelos (2001) define “empoderamento como o aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão e dominação social” (p.5).

Ressalta-se que a clínica do CAPS atua de acordo com o conceito de Clínica Ampliada que segundo a Cartilha Nacional de Humanização “é um trabalho clínico que visa ao sujeito e à doença, à família e ao contexto, tendo como objetivo produzir saúde e aumentar a autonomia do sujeito, da família e da comunidade” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). Deste modo, esta clínica propõe o equilíbrio entre o processo de adoecimento e as possibilidades de crescimento e/ou transformação do sujeito a partir deste, favorecendo não apenas a convivência com a doença de uma forma mais tranqüila, mas também possibilidade de inventar outras formas de produção de vida apesar da doença.

O CAPS é um serviço de base territorial, ou seja, que está inserido no território e, aqui se compartilha do conceito de território desenvolvido por Milton Santos (apud RABELO, 2005) que diz que este “é o lugar do exercício da existência do sujeito, onde ele, cidadão, estabelece toda a rede de relações existenciais na comunidade, local de vida das pessoas”. Neste sentido, cabe ao CAPS interagir com a comunidade, construindo alianças que possibilitem o desenvolvimento em conjunto de estratégias e ações de cuidado e atenção psicossocial, utilizando sempre a rede de serviços estruturada tanto pelas políticas públicas (saúde, educação, assistência, cultura, etc.) quanto pela sociedade civil.

Destaca-se ainda o papel do CAPS enquanto dispositivo estratégico fundamental na organização da rede de saúde mental, atuando com articulador e regulador desta, possibilitando a ampliação e utilização adequada dos recursos disponíveis.

SOFRIMENTO MENTAL X SOCIEDADE

Neste contexto, o sofrimento mental passa a ser compreendido como uma forma de expressão subjetiva da existência do indivíduo, que se caracteriza por apresentar uma maneira singular e diferenciada de existir no mundo. Sobre isto, Andrade (2003) refere “a loucura é entendida como conceito e experiência (fenômeno) de alteridade radical que estabelece uma forma distinta de ser e estar no mundo” (p. 164).

Destaca-se aqui a presença de um sujeito que vivencia a experiência do sofrimento mental de maneira peculiar, atribuindo-lhe significado e sentido; produzindo e materializando sua existência de forma pessoal, única, subjetiva. Para Birman (2003) “existe um sujeito na experiência da loucura, enfim, que enuncia e diz algo mediante sua obra como produção, que exige em contrapartida, um ato de reconhecimento de sua existência” (p.17).

A experiência do sofrimento mental é a expressão de um fenômeno subjetivo e também social, visto que a construção da subjetividade do indivíduo se dá na sua interação com o meio social, na presença da cultura e ao longo de sua história de vida. Deste modo, denota-se a necessidade de desenvolvermos um olhar que aponta para a pluralidade, compreendendo o fenômeno da loucura (sofrimento mental), na intersecção das dimensões subjetiva, social, histórica e cultural.

Neste sentido Rosa (2003) diz

é possível fundamentar teoricamente uma prática que busque construir outras formas de relação com essas pessoas, relações que possam trazer... novas formas de pensar, de sentir, de agir.... Fundamentar um projeto social e terapêutico que tem como foco a transformação do sofrimento desses sujeitos (p. 218).

Assim, pretende-se construir um espaço que promova a inscrição social do sujeito acometido pelo sofrimento mental. Espaço este que não é de dominação e opressão, nem de caridade e tolerância, mas sim lugar real de convivência com o diferente, e aqui entendemos diferença, como diversidade e/ou múltiplas possibilidades de subjetividade e existência social.

AS OFICINAS TERAPÊUTICAS

O Ministério da Saúde, através da portaria 189, de novembro de 1991, regulamenta e institui as oficinas terapêuticas como atividades oferecidas nos serviços extra-hospitalares, inclusive o CAPS, definindo estas como “atividades grupais de socialização, expressão e inserção social”.

Segundo Um manual para o CAPS (2005) “no Brasil da Reforma Psiquiátrica as oficinas tem sido o instrumento de cuidado estratégico para a subjetivação ou re-significação dos sujeitos portadores de transtornos mentais maiores” (p. 31). Acrescenta-se aqui a função socializadora das oficinas, seu intuito de promover interação e inserção social; sobre isto Costa (2004) diz “a oficina terapêutica, na Reforma Psiquiátrica, é atribuída à responsabilidade de criar meios para a superação de obstáculos existentes no social, os quais dificultam a inserção do sujeito com transtornos mentais” (p. 261).

Costa, Gabbay e Silva (2004) afirmam que “as oficinas terapêuticas funcionam como a ‘coluna vertebral’ dos diferentes dispositivos de assistência, em que o cuidado é entendido como uma tomada de responsabilidade” (p. 262) e aqui se entende responsabilidade de acordo com Delgado (apud COSTA et al, 2004), que diz o “atendimento psicossocial é uma interferência consentida no cotidiano do habitante da pólis, afetado por um sofrimento grave. O cuidado incide sobre uma rede social, uma interligação de subjetividade, um mundo num universo de mil mundos subjetivos e políticos”.

É fato que as oficinas terapêuticas no CAPS atuam como um dispositivo estratégico fundamental, que estrutura ações com objetivo terapêutico, representando uma forma de intervenção potente e transformadora. Destaca-se ainda que as oficinas possibilitam o encontro de coletivos, garantindo o espaço de diálogo e trocas afetivas, promovendo reflexão, movimentando pensamentos e sentimentos, favorecendo a produção de

subjetividades e sociabilidades, estimulando a construção de vínculos pessoais e sociais, visando sempre à inserção social positiva e saudável.

Guerra (2004) diz “a dimensão essencial das oficinas refere-se à articulação sociopolítica com a dimensão da subjetividade” (p.55) Neste sentido, cabe pontuar, a oficina enquanto instrumento que deve estimular a busca pela autonomia e cidadania do sujeito, um espaço que favoreça a expressividade e a criatividade de cada um, possibilitando o empoderamento e pessoal, o fortalecimento da auto-estima e da autoconfiança. Tudo isto deve ocorrer no encontro com outros sujeitos singulares; encontros estes, que devem ser vistos como um dispositivo disparador de mútuas afetações e transformações pessoais, sociais e culturais.

OFICINA DE POESIA

A Oficina de Poesia surge a partir do nosso interesse enquanto técnicas do CAPS Renascer de criar uma atividade que associasse arte e a cultura. Nesta época, estávamos discutindo a linguagem artística enquanto instrumento terapêutico potencialmente libertador, que funciona como uma via de comunicação e expressão de pensamentos e sentimentos, muito rica em possibilidades.

Em meados de outubro de 2008 tivemos acesso ao livro “LOUCOS PELA DIVERSIDADE – da diversidade da loucura à identidade na cultura”, uma parceria do Ministério da Saúde e Secretaria de Cultura. É fato que o conteúdo deste material nos influenciou fortemente, despertando nosso interesse por esta proposta que articula a identidade cultural, subjetividade, diferenças, exclusão social e diversidade.

Começamos então a repensar as oficinas terapêuticas, espaço que deve favorecer a produção de subjetividade e acolher diversas personalidades. Personalidades estas, que

surpreendem e sensibilizam ao compartilhar conosco um pouco de si, da sua história, dos seus sonhos, seus desejos...

Na verdade estes sujeitos fazem tudo isso com muita autenticidade, com linguajar e gestual próprio, expressando a sua forma pessoal de se relacionar com o mundo e o conhecimento cultural adquirido, fruto de suas vivências e experiências na comunidade. Neste sentido, Assis (2004) diz “as ações artísticas desenvolvidas nessas oficinas inspiram consciência de mundo, exploram e interpretam o nosso lugar na história e celebram nossa herança cultural” (p. 102).

A oficina de poesia “**De Poeta e Louco Todo Mundo Tem Um Pouco**” nasce do nosso desejo de oferecer uma alternativa para incentivar a apropriação da palavra, garantindo a liberdade para manifestar sentimentos, idéias e soltar a criatividade. Neste sentido tem o intuito de criar um espaço de encontro para os sujeitos com sofrimento mental, onde circule material poético, oportunizando o acesso à informação, conhecimento e cultura, ao mesmo tempo em que possibilita o diálogo, a troca de experiências e a reflexão.

Este espaço caracteriza-se por oferecer um ambiente acolhedor, que considera o momento existencial de cada sujeito, valorizando seu potencial e respeitando suas limitações. Deste modo, incentiva-se a produção poética subjetiva, expressão da singularidade de cada um, marcada pelas suas experiências, afetos, história de vida, enfim impregnada de sentidos próprios.

Ressalta-se aqui a importância da convivência no grupo, visto que possibilita interação entre os sujeitos, promove o encontro, a expressão de afetos, a construção de vínculos, assim como também favorece o desenvolvimento da consciência crítica, da noção de coletividade e sentimento de pertença.

Assim, através da leitura, da discussão e da escrita estimula-se a aproximação e apropriação de novos conhecimentos, principalmente de conteúdo poético; garantindo maior

trânsito na comunidade, facilitado pela inserção cultural produtiva; representada tanto pela aquisição de mais conhecimento, quanto pela produção de obras poéticas.

Considerando o acesso a cultura um direito e uma necessidade de todos, a Oficina de Poesia apresenta como uma de suas frentes de trabalho, a visitação mensal a centros de cultura, como bibliotecas e museus, por exemplo, com o intuito de assegurar a circulação dos sujeitos portadores de sofrimento mental nos espaços da sociedade onde a cultura e a arte residem e onde todos os cidadãos paraenses transitam.

Faz parte ainda do processo de trabalho da oficina, a realização semestral do Sarau Cultural. Evento este que se caracteriza por oferecer um espaço festivo, que possibilita a expressão das diversas formas de linguagens cultural e artística, como: leitura de poesias, músicas, coro cênico, teatro... Através do Sarau, viabiliza-se aos usuários do CAPS, um local para expor sua produção poética, junto com outros poetas do cenário paraense, que participam, contando um pouco sobre sua vida, sua obra e se disponibilizando para o diálogo e a troca.

Esta oficina se constitui num espaço aberto e livre, no qual os sujeitos são convidados a conhecê-la, participando quando querem e podem; isto é, este espaço é disponibilizado a todo e qualquer sujeito matriculado no CAPS. Este é um diferencial importante, que demarca a aposta no interesse, no prazer e no desejo que o sujeito pode ou não sentir por estar presente na oficina. Com esta prerrogativa garante-se liberdade, respeito e direito ao sujeito de optar pelo que mais faz sentido para si, escolhendo de atividades que realmente acrescentem a sua singularidade e fortalecendo sua subjetividade.

A Oficina de Poesia favorece a apropriação da história de vida de cada um dos sujeitos, seus sofrimentos e suas conquistas, são ouvidos todos os participantes numa troca solidária e afetuosa.

O recorte poético é uma forma de ao mesmo tempo criar e se ver no processo, revendo sentimentos e formas de agir, possibilitando a reinvenção do cotidiano. A partir da leitura e da interpretação de poesias, o sujeito pode ouvir a sua própria voz, criticar conceitos estabelecidos e descobrir-se capaz de, com sua forma de ser, inserir-se no contexto familiar e social.

Brink (2008) trabalha com o conceito dado por Platão e Aristóteles de que a poesia é um modo de imitar, de representar a realidade, “uma realidade que pode partir do mundo que vemos mas também do mundo que sentimos, lembramos, ou no qual desejamos viver” (p.66).

Todo sujeito pensa e quando o pensamento surge, pode ser simbolizado através das palavras do nosso vocabulário. Assim, podem ser veiculados diversos significados pessoais através da utilização da linguagem e o sujeito poderá interagir com outros sujeitos, comunicando-se do modo que lhe é peculiar.

A palavra falada e a palavra escrita são formas de expressão de sentimentos, pensamentos e recordações. Escrever é dar forma ao que pensamos e sentimos, esta forma é singular e poderá ser resignificada quando em momentos diversos for possível voltar a ela, justamente por estar corporificada em escrita, diferentemente da palavra verbalizada que pode se perder. Neste sentido, cabe ao coordenador das oficinas acolher os sons, as falas, os atos e a forma, afirmando que há ali um sujeito com algo a dizer e a fazer, interessando-se por esse algo e esforçando-se por buscar um sentido nesse fazer.

Neste sentido, Mendonça (2005) refere que “coordenar uma oficina é estar à escuta de uma linguagem muitas vezes sem palavras, a partir da qual essas produções podem instituir canais de troca e encontro e criar novos universos existenciais”.

Observa-se ainda que, a oficina de poesia possibilita o resgate ou a iniciação ao mundo literário e poético, transformando a leitura num instrumento de informação e conhecimento que estimula busca por conteúdos cada vez mais complexos.

Assim, oficina de poesia é mais uma alternativa de fazer da intervenção uma estratégia de invenção da saúde, de reprodução social dos sujeitos de participação no mundo humano- que é o mundo social com acolhimento da alteridade, do encontro e empoderamento dos portadores de sofrimento psíquico, promovendo o exercício da cidadania, a expressão da liberdade e a convivência dos diferentes (AMARANTE, 2001; ROSA, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de seis meses de funcionamento, a Oficina de Poesia demonstra que é possível desenvolver no CAPS uma atividade que alcance de fato a pessoa portadora de sofrimento mental, considerando sua subjetividade, socialmente construída e inscrita na dimensão dos direitos humanos, civis e culturais.

Neste sentido, falamos de um espaço de encontro que é singular, não só por acolher livremente estas pessoas, mas principalmente por ser um lugar que favorece a produção de subjetividade. Assim na oficina, mais que um ambiente onde circula a poesia, circulam diversas identidades, cheias de sentido próprio, donas de uma biografia única, que na convivência com o grupo e na presença da cultura vão se tornando cada vez mais inteiras, conscientes de seu potencial, poder e possibilidades.

Aqui, queremos destacar que a aproximação com obras poéticas, poetas e centros de cultura, promove a aquisição de mais informação e conhecimento acerca do mundo, da vida, de si, da cultura. Deste modo, estimula a curiosidade, o desejo de aprender, de conhecer mais e de produzir. A grande maioria dos participantes da Oficina, não sabia o que era poesia,

como se fazia, o que era Sarau; durante as oficinas foram começando a ler e alguns a escrever poesias, falando um pouco de sua vida, de suas experiências, dos seus afetos e sua história.

Queremos ressaltar o acúmulo de conteúdo cultural como uma ferramenta que instrumentaliza o sujeito para se relacionar no ambiente social, potencializando sua capacidade para interagir e construir laços sociais, fortalecendo sua autonomia e o empoderamento pessoal.

Além disso, observamos que a leitura, a troca de opiniões e a discussão no grupo, possibilitam a identificação com os temas lidos, favorecendo a reflexão, a revisão de conceitos e valores pessoais e a construção de novos sentidos e projetos de vida. Geralmente eles escolhem o livro que querem ler e a partir disso, buscam as poesias que mais lhe tocam para ler em voz alta, tudo isso remete uma lembrança, às vezes um desejo ou uma expectativa e eles acabam compartilhando com o grupo fatos que vivenciaram. Um exemplo disso foi o Pedro, um jovem senhor que leu uma poesia do Jurandir Siqueira, que falava sobre rios, florestas e o usuário após a leitura se reportou ao lugar onde cresceu, lembrando a sua vida em contato com a natureza, seus sentimentos de saudades e alegria.

Nas oficinas, os sujeitos se aproximam mais de si, expressando livremente suas idéias e sentimentos, seja através da fala, seja através da escrita. Tudo isso promove o autoconhecimento e estimula a compreensão pessoal de seu processo, favorecendo o reconhecimento de suas habilidades, o respeito as suas próprias dificuldades e o melhor aproveitamento do seu potencial. Neste sentido, queremos destacar o que aconteceu com Luís, um senhor de cinquenta anos, que começou a participar da oficina e logo no início mencionou que não costumava ler e conhecia poucas poesias; oferecemos um livro e ele meio reticente aceitou, depois oferecemos papel e caneta, convidando-o a escrever e rapidamente ele escreveu uma poesia enorme, cheia de sentimento, rima e sonoridade.

Na oficina fomos percebendo que ao escrever o sujeito dá forma ao que pensa e sente naquele momento, é óbvio que esta forma é própria e diz respeito a sua subjetividade. O fato é que este mesmo sujeito, poderá em outro momento voltar a estas palavras, justamente por estar corporificada em escrita, e dar novos significados a estas, refazendo sua compreensão, revendo seus pensamentos e sentimentos, dando outros sentidos, mudando sua história. Um exemplo disto aconteceu com Celina, uma senhora muito calada, mas bastante entusiasmada com a participação na oficina de poesia; inclusive que funcionava como uma apoiadora da oficina, doando diversos livros, escrevendo bastante e estimulando os colegas com as conquistas que obteve e a sua atual sensação de bem-estar e alegria. De repente Celina sumiu da oficina de poesia e começou a participar da oficina de crochê exatamente no mesmo horário. Quando a encontramos, indagamos sua ausência, reforçando seu potencial e a falta que vinha fazendo ... ela mencionou que pouco tinha evoluído na oficina, nunca melhorava e não conseguia produzir. Foi quando mostramos a ela uma poesia que ela tinha feito, ao ler começou a chorar, não acreditava que havia escrito aquela poesia. Muito interessante vê-la lendo e se emocionando, parecia ir se dando conta de sua própria história, lembrando...

Na oficina percebemos a dificuldade que muitos usuários apresentavam para falar de si, principalmente em público. Com o passar do tempo, observamos que os usuários começaram melhorar sua capacidade de comunicação, se expressando livremente, com mais segurança e tranquilidade; interagindo com confiança em si e no grupo. Um exemplo disto, é que no grupo nem todos sabem ler, alguns não sabem escrever, mas todos têm espaço para expressar da sua forma o que pensam ou sentem, e o grupo sempre ouve a todos com a mesma atenção e respeito.

Cabe aqui destacar que a oficina favorece a construção de vínculos. Vínculos estes, que são constituídos no cotidiano da oficina, resultado da convivência de parceria, de afeto e de respeito pelo outro e pela sua história. Tudo isso, gera crescimento e

amadurecimento do grupo, que aos poucos vai construindo uma identidade própria, com particularidades e forma diferenciada de se comunicar, gerando nos participantes sensações de acolhimento, pertencimento e inserção social.

Neste aspecto é fundamental mencionar a história da Oficina de Poesia, que se desenvolve no encontro das experiências pessoais dos sujeitos trazidas para o grupo, com as experiências vivenciadas pelo grupo em comum no grupo, na e comunidade. Assim, acreditamos que a oficina possibilita a produção de novas experiências humanas, sociais e culturais; produzindo subjetividade e sociabilidade, resultado de vivência coletiva rica, na qual sempre é possível rever significados, construir outros sentidos e projetos de vida.

Através da visitação aos centros de cultura, museus e bibliotecas, favorecemos a aproximação dos sujeitos de diversas obras de arte, de diferentes poetas, de muitos países, de outras culturas inclusive. Deste modo, garantimos acesso à diversidade cultural, sempre enfatizando que a arte, a cultura e a poesia devem estar ao alcance de todos, independente de raça, credo, classe social e poder aquisitivo.

Neste sentido é relevante destacar que a visitação promove à circulação dos usuários na cidade e o trânsito nos espaços de cultura inseridos na comunidade. Assim, adentrar estes ambientes é assegurar o direito de interlocução com a comunidade cultural, tecendo novas tramas sociais, incluindo as pessoas portadoras de sofrimento mental na sociedade, construindo pouco a pouco um outro lugar social para estas.

Cabe ressaltar que esta interação tem uma dimensão política, ética, social e humana transformadora, resultado do diálogo cotidiano, construído com o protagonismo destes sujeitos, consequência do desenvolvimento de sua consciência crítica, do reconhecimento do seu potencial, do seu empoderamento pessoal e desejo de realizar seus projetos de vida. Vale à pena mencionar a chegada dos usuários nestes espaços, o olhar de

encantamento e a curiosidade estampada nos seus rostos. Celina, usuária da oficina, dizia “eu poderia ficar lendo aqui o dia todo”.

Devemos ainda destacar o Sarau Cultural, como uma festa de cultura, onde estão condensados poemas, poesias, versos, músicas e outros tipos de arte. É neste espaço que os participantes da oficina expõem sua produção, lendo suas poesias preferidas e conversando com poetas paraenses reconhecidos publicamente no cenário cultural.

Observamos que o Sarau possibilita a exposição pública das obras produzidas com reverência e respeito, um evento nos moldes de toda e qualquer produção artística. Inclusive, reservamos o direito de a apresentação ser estruturada de acordo com a singularidade de cada sujeito, com recital, música, performance e tudo mais que o usuário achar necessário para expor sua obra. Assim, demarca-se o aspecto subjetivo de cada produção, particularidades das múltiplas identidades e a possibilidade concreta de coexistência da diversidade cultural no convívio social. Aqui vamos destacar dois usuários, Frederico e Pedro. Frederico que apresentou um capítulo do livro que está escrevendo, com voz impostada e semblante altivo, trilha sonora de “Star Walls”; uma apresentação surpreendente e empolgante. E Pedro, usuário que mesmo não sabendo ler, solicitou que Luzia lesse em baixinho a poesia para que ele pudesse repetir no microfone para o público; minutos de muita emoção, que evidenciaram o desejo do usuário de contribuir e protagonizar este evento cultural.

Deste modo, ressaltamos que a Oficina de poesia se constitui num espaço próspero e cheio de nuances, que vem se configurando com cores, dores e sorrisos múltiplos. Espaço de encontro, lugar de mútuas afetações, onde é possível vislumbrar outros horizontes, novos sentidos para a existência... Lugar de produção de subjetividade, desenvolvimento de sociabilidades e construção de novos projetos de vida; sempre na presença da cultura, com

consciência crítica e noção de coletividade, um espaço concreto de interlocução, interação e inserção social.

Assim, ao contrário de sublimar o sofrimento, o canto e a poesia, unidos à sabedoria popular, serão estímulos para gerar a vontade de mudança, resgatando a importância de cuidar de si, pois como escreveu Cecília Meireles “a vida, a vida só é possível reinventada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P. **O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria**. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

_____. **Saúde mental e atenção psicossocial**. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

_____. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.

BASAGLIA, F. **A instituição negada**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BISNETO, J. A. **Serviço social e saúde mental: uma análise institucional da prática**. São Paulo: Cortez, 2007.

BIRMAN, J. Loucura, singularidade, subjetividade. In: Conselho Federal de Psicologia (Org.). **Loucura, ética e política: escritos militantes**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003. p.13-19.

BRINK, H. A. T. **Grupo de poesia: a escrita numa unidade psiquiátrica**. Boletim da saúde 21, 2008.

BOTTI, N. C. L. **Oficinas em saúde mental: história e função**. Ribeirão Preto, 2004. Tese de doutorado.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Loucura, ética e política: escritos militantes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

COSTA, C.; GABBAY, R.; SILVA, M. A. Oficinas: um fazer/conviver terapêutico. In: FIGUEIREDO, A. C. (Org.) **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004. p. 261-282.

FIGUEIREDO, A.C. (Org.). **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

GRECO, M. G. Oficina: Uma questão de lugar? In: FIGUEIREDO, A. C. (Org.) **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004. p. 83-94.

GUARESCHI, P., JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GUERRA, A. M. C. Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática. In: FIGUEIREDO, A. C. (Org.) **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004. p. 23-58.

LOBOSQUES, A. M. **Experiências da Loucura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p.13-36.

MENDONÇA, T. C. P. As oficinas na Saúde Mental: Relato de Uma Experiência na Internação. PUC MG. **Psicologia: ciência e profissão**. v. 25, n. 4. Brasília, 2005.

RABELO, A. R. **Um manual para o CAPS**. Salvador: Bigraf, 2005.

ROMANO, J. O.; ANTUNES, M. (Org.) **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: Action Aid Brasil, 2002.

ROSA, E. Z. Do adoecimento psíquico à subjetividade que sofre: a importância da leitura sócio-histórica. In: Conselho Federal de Psicologia (Org.). **Loucura , ética e política: escritos militantes**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003. p. 211-219.

TORRE, E. H. G., Amarante, P. Protagonismo e Subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental. **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 6. n. 1. Rio de Janeiro, 2001.

VASCONCELOS, E. M. **Saúde mental e serviço social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinariedade**. São Paulo: Cortes, 2002.